



TERRITORIALIDADES QUEER: EXPERIÊNCIAS URBANAS DE CORPOS DISSIDENTES NA ÁREA CENTRAL DE JOÃO PESSOA, PARAÍBA

EIXO TEMÁTICO: “OUTRAS” HISTÓRIAS?

NEVES, Igor Vinicius Mendes de Araujo

Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo - UFRN; Universidade Federal do Rio Grande do Norte
igorneves.vinicius@gmail.com

ATAIDE, Ruth Maria da Costa

Doutora pela Universidade de Barcelona, UB, Espanha; Universidade Federal do Rio Grande do Norte
maria.ataide@ufrn.br

RESUMO

Em João Pessoa, assim como em muitas cidades brasileiras, vemos diferentes formas de apropriação do espaço público, as quais proporcionam a criação de novos lugares para reafirmar os seus direitos no espaço urbano. Podemos observar espaços de maior concentração e mais utilizados por grupos sociais específicos, como os corpos dissidentes sexuais e de gênero. Frente a isso, este artigo pretende contribuir com novas possibilidades de leitura e compreensão sobre a relação entre gênero, sexualidade e espaço público na cidade contemporânea a partir da experiência urbana dos sujeitos. Assim, apresentamos uma análise histórica e cultural do centro de João Pessoa, explorando os territórios *queer* que surgiram no contexto da urbanização dominante e heteronormativa. Além disso, são consideradas as diferentes formas de resistência que constituem a paisagem da área central da cidade, as quais se relacionam com o conceito de "território usado" proposto por Milton Santos, recuperando referências históricas e centrando atenção nas formas de apropriação no período recente, entre janeiro e dezembro de 2023. Logo, a partir do arcabouço teórico, das pesquisas observacionais e aplicação de entrevistas semiestruturadas, investiga-se a formação das territorialidades construídas pelos corpos dissidentes sexuais e de gênero, realizando uma análise das apropriações e sociabilidades produzidas no espaço público da área central como ruas, praças, becos, calçadas, escadarias e parques de João Pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Apropriação; Espaço Público; Territorialidades; Gênero e Sexualidade; Teoria Queer.

ABSTRACT

In João Pessoa, as in many Brazilian cities, we see different forms of appropriation of public space, which provide the creation of new places to reaffirm their rights in urban space. We can observe spaces with greater concentration and more used by specific social groups, such as sexual and gender dissident bodies. In view of this, this article intends to contribute with new possibilities of reading and understanding the relationship between gender, sexuality and public space in the contemporary city based on the urban experience of the subjects. Thus, we present a historical and cultural analysis of the center of João Pessoa, exploring the queer territories that emerged in the context of dominant and heteronormative urbanization. Furthermore, the different forms of resistance that constitute the landscape of the central area of the city are considered, which are related to the concept of "used territory" proposed by Milton Santos, recovering historical references and focusing attention on forms of appropriation in the recent period, between January and December 2023. Therefore, based on the theoretical framework, observational research and application of semi-structured interviews, the formation of territorialities constructed by sexual and gender dissident bodies is investigated, carrying out an analysis of the appropriations and sociabilities produced in the public space in the central area such as streets, squares, alleys, sidewalks, staircases and parks in João Pessoa.

KEY-WOROS: *Appropriation; Public place; Territorialities; Gender and Sexuality; Queer Theory.*

RESUMEN

Em João Pessoa, assim como em muitas cidades brasileiras, vemos diferentes formas de apropriação do espaço público, as quais proporcionam a criação de novos lugares para reafirmar seus direitos no espaço urbano. Podemos observar espaços de maior concentração e mais utilizados por grupos sociais específicos, como os corpos dissidentes sexuais e de gênero. Frente a isso, este artigo pretende contribuir com novas possibilidades de leitura e compreensão sobre a relação entre gênero, sexualidade e espaço público na cidade contemporânea a partir da experiência urbana dos sujeitos. Assim, apresentamos uma análise histórica e cultural do centro de João Pessoa, explorando os territórios queer que surgiram no contexto da urbanização dominante e heteronormativa. Além disso, são consideradas as diferentes formas de resistência que especificam a paisagem da área central da cidade, as quais se relacionam com o conceito de "território usado" proposto por Milton Santos, recuperando referências históricas e centrando atenção nas formas de apropriação no período recente , entre janeiro e dezembro de 2023. Logo, a partir do arcabouço teórico, das pesquisas observacionais e aplicação de entrevistas semiestruturadas, investiga-se a formação das territorialidades construídas pelos corpos dissidentes sexuais e de gênero, realizando uma análise das apropriações e sociabilidades produzidas no espaço público da área central como ruas, praças, becos, calçadas, escadas e parques de João Pessoa.

PALABRAS CLAVE: *Apropiación; Lugar público; Territorialidades; Género y Sexualidad; Queer teoria*

1 – INTRODUÇÃO

O espaço urbano é mais do que um lugar de interesses, conflitos e convivências sociais citadinas, que englobam desde encontros casuais nas ruas à longas conversas em uma praça. Segundo o professor Oscar Sobarzo (2006), além de possibilitar essas relações sociais nas práticas cotidianas – que o autor denomina de *esfera da realização da vida* – o espaço é produto da *dominação política* e da *acumulação do capital*. A dominação política faz referência ao papel do poder político (municipal) e das elites (grupos de maior poder econômico e político) na produção do espaço público e privado; e a acumulação de capital representa o surgimento de novos produtos imobiliários que aumentam a reprodução e a circulação do capital, questionando a relação entre o espaço público e privado (SOBARZO, 2006). Elucidamos que essa abordagem analítica do espaço estar alinhada aos aportes teóricos-metodológicos *lefebvrianos* (2006) sobre a (re)produção do espaço urbano, colocando a cidade como um produto e condicionante da sociedade e das suas relações sociais na prática socioespacial. Dessa forma, observa-se que o espaço construído é modificado a partir das ações cotidianas, nas formas de uso e ocupação que dele se fazem, influenciando, ao mesmo tempo, tais práticas do dia a dia.

Autores como Ana Fani Alessandri Carlos (2015) e Roberto Lobato Corrêa (2011) corroboram com a ideia de que a produção do espaço “é consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade” (CORRÊA, 2011, p. 43). O reconhecimento do papel desses agentes e o estudo dos seus interesses tornam-se explícitos nos escritos do geógrafo espanhol Horacio Capel (2013). O autor (2013) coloca que os atores sociais são todos os indivíduos e grupos sociais presentes na cidade, que vivem e se movem nela, enquanto os agentes urbanos são os que tem capacidade de intervir diretamente na construção da cidade. Entre um e outro, e no interior de cada grupo ou agente, podem existir conflitos de interesses, como também transações e acordos. Capel (2013) exemplifica os atores a partir dos cidadãos minorizados como os membros da “população LGBTQIAPNB+” ao citar o caso do bairro Chueca em Madrid e o *Gay Eixample* em Barcelona: são lugares específicos que permitem a aparição pública e o

encontro desses grupos de pessoas. Além disso, têm-se também como atores os imigrantes e as pessoas com deficiência. Já os agentes urbanos emergem a partir dos grandes empresários industriais, dos financiadores, das construtoras, dos proprietários do solo, das companhias e também dos seus auxiliares: os promotores imobiliários, os arquitetos e urbanistas, os vendedores e os publicitários.

Os modos de produção estabeleceram uma divisão sexual do trabalho fundamentada em uma hierarquia social, sexual e territorial. Nesse contexto, a esfera produtiva, política e comercial foi designada como o domínio espacial masculino, enquanto a esfera reprodutiva, relacionada ao lar e à família, foi delineada como o espaço atribuído ao feminino (GARCÍA, 2011). Leslie Kern (2021, p. 52) coloca que o estilo e vida suburbana para existir adequadamente, exigia um núcleo familiar onde um adulto trabalhasse dentro de casa e outro, fora. Casas grandes, isoladas do trânsito e dos serviços, determinavam que a figura feminina ficasse em casa desempenhando o papel de zeladora doméstica ao cozinhar, limpar e cuidar dos filhos em tempo integral, enquanto somente o homem teria o acesso aos espaços públicos da cidade para trabalhar.

Diversos autores discutem a experiência corporal como um exercício que nos faz pensar a inserção e o desdobramento do corpo no espaço urbano. Richard Sennett (2014), partindo do princípio de que a forma dos espaços urbanos deriva das vivências corporais específicas de cada povo, afirma que “em uma sociedade ou ordem política que enaltece genericamente ‘o corpo’, corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se adequam ao paradigma” (SENNETT, 2014, p. 22). Ou seja, a idealização de um corpo humano padrão pela ideologia dominante resulta na determinação do que será ou não aceito na sociedade, excluindo assim, aqueles que não se enquadram às normas estéticas estabelecidas. Porém, por mais que a cidade seja um *locus* da afirmação e materialização dos interesses do capital, onde os espaços tornam-se cada vez mais afáveis a imagem do corpo ideal, é nela que essas imagens se estilhaçam através do agrupamento e reunião dos sujeitos diferentes “e que se apresentam uns aos outros como estranhos” (SENNETT, 2014, p. 25). Sujeitos estranhos ao padrão imposto pela sociedade, sujeitos *queer*.

Fazendo o uso da expressão “queer” a qual tem um histórico de insultar, diminuir e ridicularizar, a *Teoria Queer* apropria e ressignifica o termo para referenciar aquilo que escapa do padrão da heteronormatividade. No âmbito dos estudos urbanos, a Teoria *Queer* questiona o suposto olhar neutro no qual se baseou a (re)produção dos espaços na cidade até hoje como sendo uma perspectiva heterossexual. Nessa discussão sobre gênero e sexualidade no espaço urbano nos interessa pensar o que Judith Butler irá chamar de “o direito de aparecer em público” como um Direito à Cidade e a resultante territorialidade construída por corpos que se distanciam da normatividade heterossexual e binária por suas características físicas e/ou expressões corporais.

Em João Pessoa, observa-se uma expressiva quantidade de apropriações *queer* no espaço público, em especial na área central da cidade, território historicamente frequentado por corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero, que se manifestam de diversas maneiras ao longo do tempo. Além disso, é uma área onde o poder público insiste em ignorar as dinâmicas sociais, culturais e ambientais, excluindo-as assim, do planejamento e das políticas urbanas.

A partir disso, o artigo explora o modo como se formaram as territorialidades construídas pelos corpos dissidentes ao binarismo sexual e de gênero na área central de João Pessoa. O trabalho estrutura-se em três momentos principais: **(i)** discussão sobre território e territorialidades; **(ii)** as práticas das apropriações no espaço público de João Pessoa que resistem; **(iii)** os espaços dissidentes na área central de João Pessoa do ontem e do hoje. Para a coleta de dados de fonte primária, foram realizadas pesquisas observacionais em treze espaços selecionados e explicitados no 3º momento, além das entrevistas semiestruturadas com os sujeitos que os experienciam: Largo São Frei Pedro Gonçalves, Praça XV de Novembro, Villa Sanhauá, Praça Antenor Navarro, Casa da Pólvora, Praça Dom Adauto, Rua Duque de Caxias, Ladeira Feliciano Coelho, Rua Braz Florentino, Praça Barão do Rio Branco, Avenida General Osório, Praça Vidal Negreiros e Rua Gabriel Malagrida.

2 – TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES

A discussão sobre território ganha relevo nos debates sobre a produção do espaço a partir das contribuições vindas da geografia. Segundo o geógrafo Milton Santos (2005), o território não é apenas uma expressão física do espaço geográfico, mas também envolve objetos e ações, representando o espaço humano e habitado. Em cada período histórico, o território se manifesta como um campo de forças moldado por elementos naturais e artificiais resultantes do trabalho social, das interações humanas e da vida em sociedade, o que Santos (2005) irá chamar de território usado. As ações humanas desempenham um papel crucial nesse processo. As ações dos indivíduos e das instituições no território influencia uma dinâmica variada, que é moldada pela origem, pela força, pela intenção e pelos conflitos que lhe são inerentes. O território usado, então, emerge como um campo onde uma diversidade de circunstâncias e origens contribui para enriquecer a vida e as relações humanas, promovendo a formação de um espaço coletivo dinâmico e significativo.

Paul Claval (2010) corrobora com essa linha de pensamento, ao explanar que a compreensão do espaço geográfico envolve a análise do espaço terrestre como uma construção social, influenciada por fatores culturais, econômicos, políticos e históricos. Além disso, o autor enfatiza a importância de entender o espaço como uma totalidade, onde as interações entre diferentes elementos são fundamentais para a compreensão do todo. A perspectiva de Claval (2010) sobre o espaço geográfico nos convida a ver o mundo como uma rede complexa de interações humanas e sociais, e a compreender como as pessoas moldam e são moldadas pelo ambiente em que vivem.

Nessa perspectiva, entendemos que um sujeito ou um grupo de sujeitos ao se apropriar de um determinado espaço – concreto ou abstratamente – o territorializam e estabelecem novas relações de poder. Isso significa que em todo território haverão indivíduos exercendo poder sobre outros indivíduos ou sob outros grupos de indivíduos, o qual pode ser exercido de duas formas diferentes: branda ou truculenta. Esta classificação é encontrada em Raffestin (1993) quando define o poder como sendo uma combinação variável de energia e informação, onde a energia seriam as formas mais truculentas de se exercer poder como a coerção e a força e, as informações seriam as formas mais brandas como a manipulação (igreja) e a simbologia

(militarismo). Alguns espaços são ocupados predominantemente por grupos específicos de sujeitos. Nesses espaços, os indivíduos exercem certa relação de poder sob os demais, os territorializando.

A partir dos conceitos de território usado de Santos (2005), aliado aos debates de Claval (2010) sobre o espaço geográfico e dos desdobramentos das relações de poder por Raffestin (1993), chegamos ao conceito de territorialidades. Para o objeto da discussão do artigo, centrado nas apropriações dos espaços pelo corpo *queer*, adicionamos um diálogo com as concepções de Haesbaert e Limonad (2007) mais próximas aos percursos desenvolvidos. Para os autores, o território é sempre uma apropriação de um espaço socialmente partilhado e construído, por isso a noção de território deve partir do pressuposto de que este é uma construção histórica e social baseado nas relações de poder – concreto e simbólico – que envolvem a sociedade e o espaço geográfico. Esses componentes do espaço geográfico que se tornam territórios através das ocupações e da dominação social possuem características próprias: trechos de fronteiras demarcados conforme alternam os turnos do dia; uma historicidade própria; relações de identificação cultural; e um espaço imaginário na produção de identidade. Os autores colocam que a territorialidade se refere à relação que os seres humanos estabelecem com o espaço que ocupam. É uma expressão de poder e controle sob determinada área, manifestada por meio de práticas e símbolos que reforçam a identidade e a apropriação do território por um grupo social (HAESBAERT; LIMONAD, 2007).

Haesbaert e Limonad (2007) ainda afirmam que os diversos segmentos do espaço são vistos como produto de uma dinâmica de apropriação através da identidade social do grupo de indivíduos e/ou do imaginário [“conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, em termos dos quais um indivíduo ou grupo de indivíduos vê a realidade e a si mesmo”]. Essa vertente cultural dialoga diretamente com o que Claval (2010) coloca ao afirmar que o espaço geográfico é uma extensão da identidade de uma determinada parcela da população, ou até mesmo distintos grupos sociais, gerando identidades territoriais, modificações na ordem espacial e nas relações de sociabilidade.

2.1 – Territorialidades Queer

Segundo Cottrill (2006), corpos que são opositos à heteronormatividade, não satisfeitos com os padrões estabelecidos pela classe dominante, começam a procurar espaços de liberdade, os quais denominados heterotopias pelo autor, estão mais próximos da ideia do que seria um espaço *queer*: um espaço que critica as divisões de sexualidade, de gênero, de classe e de raça; um espaço que permita a convivência entre diversas identidades; um espaço que reivindique o território e construa suas territorialidades dentro das cidades. Christopher Reed (COTTRILL, 2006) argumenta que além do espaço *queer* agir como uma crítica a outros espaços, este deve se firmar em outros locais da cidade, para que dessa maneira, as concepções do Direito a Cidade aos corpos dissidentes sexuais e de gênero se concretizem.

Nessa perspectiva entendemos que o território *queer* emerge como uma ferramenta poderosa capaz de desestabilizar as concepções dominantes estabelecidas sobre o espaço convertido em território usado. Em consequência, a territorialidade *queer* é construída a partir da interação entre o local e as manifestações que nele ocorrem e serve como uma chave interpretativa para direcionar práticas socioculturais e urbanísticas mais diversas e plurais, onde uma perspectiva de gênero e sexualidade contribui para a concepção de uma cidade que transcende as limitações temporais e espaciais convencionais. Ao nomearmos o termo "Territorialidade *Queer*", emerge também a ideia de um território *queer*, ou seja, espaços apropriados por sujeitos *queer*, que não se encaixam nos conceitos estabelecidos de gênero e que desafiam as normas sociais, formando territórios de abjeção e resistência. Os espaços que resistem no urbano são aqueles que se opõem ao capitalismo e à heteronormatividade, tendo o próprio corpo como protagonista. Na cidade de João Pessoa essas territorialidades estão manifestas em diversas frações territoriais, conforme discutimos na seção seguinte, e remontam as formas de apropriação dos corpos dissidentes sexuais e de gênero no espaço público.

3 – AS APROPRIAÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO DE JOÃO PESSOA: PRÁTICAS QUE RESISTEM

Analisando as formas de apropriação dos espaços públicos da cidade de João Pessoa, Santos (2010) afirma que entre as décadas de 1930 e 1940, existiam ruas que eram pontos de agitação na sua área central. Isso incluía a Rua da Gameleira – hoje Rua Desembargador Trindade –, a Rua das Convertidas (Figura 1) – atualmente Rua Maciel Pinheiro – e a Rua da Areia (Figura 2). A Rua das Convertidas era especialmente famosa por suas "pensões", que eram frequentadas por intelectuais, políticos e comerciantes, sendo a "Royal" e a "Antoninha" as mais conhecidas. No entanto, com a expansão da cidade, muitas dessas pensões fecharam, e as poucas que restaram transformaram-se em cabarés. Além das pensões, a Rua das Convertidas também abrigava alguns cafés frequentados por diferentes grupos sociais, que ali se reuniam para conversar e socializar (1987 apud SANTOS, 2010).

Figuras 1 e 2: Rua das Convertidas (atual Rua Maciel Pinheiro); Rua da Areia (antiga Barão da Passagem).



Fonte: SANTOS, A. C. C. dos, 2010. Arquivo do Museu Walfredo Rodrigues.

Os limites que antes definiam o Centro Histórico de João Pessoa foram ultrapassados com o avanço da expansão urbana em direção à orla marítima. Esse processo contribuiu para um esvaziamento e inicio de deterioro do setor urbano correspondente a cidade baixa, enquanto a Praça Vidal Negreiros emergia como o epicentro da vida social da capital, tornando-se o setor mais atrativo e movimentado da cidade. Este processo, nomeado por alguns de modernização da cidade teve seu início por volta da década de 1910, mas somente a partir dos anos 1940, João Pessoa testemunhou uma transformação sem precedentes em sua

infraestrutura e equipamentos coletivos. Isso incluiu a construção de praças, abertura e pavimentação de novas vias, implementação de redes de saneamento básico, melhorias no fornecimento de energia e transporte, além da construção de novas edificações tanto públicas quanto privadas. Essas mudanças alteraram consideravelmente a aparência colonial da cidade. Diante desse cenário, o executivo e o legisltivo estabeleceram normas e regulamentos para disciplinar o uso e a ocupação do solo do municipio ou de frações dele que afetaram as ações dos agentes publicos e privados na produção da cidade (SANTOS, 2010).

Souza (2005) nos mostra e demarca os principais locais frequentados pela população pessoense para sociabilidade entre as décadas de 1920 e 1980, no contexto do crescimento do centro na direção da orla marítima da cidade. Segundo o autor, entre essas décadas, a cena cultural, política, intelectual e boêmica era altamente expressiva no interior e nos arredores do Parque Solón de Lucena e da Praça André Vidal de Negreiros, além da Rua Duque de Caxias e Rua São Miguel.

Nos lugares citados anteriormente, acontecia o corso (Figura 3), o qual era uma tradição marcante no carnaval de João Pessoa. Era um sinal de *status* para as classes de maiores rendas da sociedade. Os cidadãos exibiam seus carros luxuosos, decorados, enquanto suas famílias desfilavam e se divertiam ao longo de um trajeto pré-determinado. As ruas, especialmente a Duque de Caxias, eram tomadas por carros repletos de pessoas de todas as idades, jogando confetes, serpentinas e lançando perfume. Participar do corso era visto como um privilégio e uma demonstração de prestígio na época. Nos anos 1950, o corso coincidia com os desfiles dos clubes de classe média e alta da cidade, como a "Esquadrilha V" (Figura 4), localizada na rua São Miguel, e os "Boêmios Brasileiros", com sede na Praça André Vidal Negreiros, que também celebravam nas ruas, representando os segmentos sociais de maiores rendas (SOUZA, 2005, p. 16). A tradição foi interrompida nos anos 1970 devido ao golpe militar.

Figuras 3 e 4: Corso na Duque de Caxias, em 1953; Esquadrilha V, um dos blocos mais animados da cidade em todos os tempos.



Fonte: SOUZA, L. C. de, 2005.

O carnaval, tanto de bloco quanto de rua (Figuras 5, 6 e 7), sofreu uma transformação significativa a partir dos anos 1970, por dois motivos principais: Primeiramente, ocorreu a chamada "carnavalização", onde o evento antes concentrado apenas nos dias oficiais do calendário cristão, passou a ocorrer durante todo o ano, conhecido como carnaval fora de época. Esse processo coincidiu com o declínio dos clubes sociais da cidade, além do crescimento urbano da área central a partir dos anos 1970 para a orla marítima. Entretanto, houve resistência dos atores sociais que protagonizavam o carnaval, não migrando para a praia e permanecendo nos bairros populares da área central da cidade. Nos bairros mais populares da área central, como os da Torre, Jaguaribe e Roger, as escolas de samba visitavam as casas das figuras de destaque da sociedade, onde eram recebidas com banquetes preparados pelas famílias, contribuindo assim para o carnaval dessas comunidades. Além do carnaval, o centro era palco de outras festividades como a Festa da Mocidade e as apresentações da Orquestra Tabajara que aconteciam no Parque Solón de Lucena. Além disso,

segundo Souza (2005) aos domingos, a população tinha o costume de ir para a Lagoa socializar, passear e paquerar.

Figuras 5 e 6: Detalhe da apresentação de uma tribo indígena no Carnaval de 1985; Grupo de indígenas se apresenta na Lagoa durante o Carnaval de 1968.



Fonte: SOUZA, L. C. de, 2005.

Figura 7: Lagoa decorada para o carnaval de 1957.



Fonte: SOUZA, L. C. de, 2005.

Logo após ao protagonismo do carnaval, dois espaços foram fundamentais para o início da construção das sociabilidades dissidentes na área central de João Pessoa: O Cassino da Lagoa (Figura 9) e o Bar e Churrascaria Bambu (Figura 11). O primeiro é um dos estabelecimentos

mais antigos de João Pessoa, com mais de oitenta anos de história e ainda em funcionamento. Sua origem em 1969 remonta ao governo de Argemiro de Figueiredo, durante o qual o Parque Sólon de Lucena foi construído, acompanhado por um *Boulevard* na avenida que leva ao Liceu Paraibano, onde o Cassino está localizado hoje. Os estudantes o ocuparam por cerca de cinco ou seis anos, quando o Clube do Estudante Universitário foi instalado no local. Posteriormente, com a federalização da Universidade Federal da Paraíba, o local abrigou o Restaurante Universitário, para estudantes até ser fechado pela ditadura militar em 1968. À noite e nos fins de semana, o espaço também funcionava como um clube universitário, sendo palco de intensa mobilização política estudantil nos primeiros anos da década de 1960 (Figura 10).

Santos (2010), corrobora com essa ideia ao colocar que a abertura do Cassino da Lagoa trouxe consigo uma mudança significativa na dinâmica urbana e social da cidade, ao se tornar um destino popular entre diferentes classes sociais. A presença desses frequentadores influenciou diretamente a identidade coletiva do lugar, contribuindo para uma territorialização específica. Esse fenômeno foi impulsionado pela expansão urbana em direção leste, que não apenas remodelou a geografia da cidade, mas também influenciou o comportamento de outros grupos sociais.

A partir de 1964, o Bar e Restaurante Bambu emergiu como um importante ponto de encontro na vida noturna da cidade, onde muitas pessoas se reuniam para iniciar ou terminar suas noites. No bar, não havia restrições sociais, ideológicas ou de vestimenta, embora seu proprietário tradicional, Olívio, mantivesse uma ordem firme, proibindo qualquer tipo de confusão dentro do estabelecimento. Discussões políticas e sociais encontravam espaço no Bambu, assim como debates sobre filmes, eventos culturais e questões intelectuais da cidade, tornando o Bambu epicentro da vida social, cultural e política da comunidade (SOUZA, L. C. de, 2005). Segundo Santos (2010) o bar contribuiu para uma ruptura com o machismo da sociedade pessoense da época, em busca de uma cidade mais democrática capaz de conviver com as diferenças sexuais e de gênero.

Figuras 9 e 10: Cassino da Lagoa após reforma feita por Luciano Wanderley; Clube Universitário no Cassino da Lagoa é invadido por militares.



Fonte: SOUZA, L. C. de, 2005.

Figura 11: Bar/Restaurante Bambu.



Fonte: SOUZA, L. C. de, 2005.

4 – OS ESPAÇOS DISSIDENTES NA ÁREA CENTRAL DE JOÃO PESSOA: ONTEM E HOJE

Oliveira (2016) aborda as experiências eróticas entre homens homossexuais nos circuitos de sociabilidade que se distribuem entre as esferas do público, privado, comercial, virtual e doméstico na cidade de João Pessoa. Em um dos capítulos de sua dissertação, o autor traz um breve panorama de como se formaram os primeiros espaços protagonizados pelos corpos dissidentes na cidade.

Para o autor (2016), a partir do processo de expansão da cidade, a maioria dos bares se concentraram na zona costeira. Entretanto, começam a surgir os primeiros estabelecimentos destinados aos corpos dissidentes sexuais e de gênero a partir da década de 1990. Boa parte

dos bares incorporaram em seu funcionamento um novo processo de ressignificação do espaço e das relações sociais que se firmavam neles (OLIVEIRA, 2016).

Santos (2010) corrobora com essa ideia ao registrar que a área central de João Pessoa se tornou o novo foco de agito para os corpos dissidentes sexuais e de gênero, já que na orla se concentrava os ambientes onde a família desses corpos costumava frequentar. O autor traz o relato de uma das pessoas que abriu um bar voltado para a população aqui estudada, o Beco's Bar localizado na Avenida Diogo Velho.

Na mesma rua, abriu a Boate Notorius, onde era muito visitada pelo público LGBTQIAPNB+, com shows, apresentações de *Drag Queens*, além de conter um *Dark Room*. Por volta de 1994, na Rua Gabriel Malagrida, abria o Bar Anjo Azul, o qual era frequentado pelos usuários que iam para a Boate Notorius. As mesas do bar ficavam dispostas na escadaria, a qual servia como ponto de encontro para paquera e sociabilização. Na Rua Duque de Caxias, o Sem Censura foi o primeiro bar da via voltado para o público LGBTQIAPNB+. A partir da sua abertura, outros empreendimentos começaram a surgir como a Boate Butterfly, Boate Bambuluar e Oca Bar, tornando a Rua Duque de Caxias o reduto de sociabilidade dos corpos dissidentes sexuais e de gênero (SANTOS, 2010).

No mesmo período, surgiu o Bar da Mônica, localizado na Rua Treze de Maio o qual tornou-se um dos principais pontos de encontro da população “LGBTQIAPNB+” da cidade (OLIVEIRA, 2016). De acordo com Oliveira (2016), outros estabelecimentos de lazer da área central de João Pessoa eram ainda mais frequentados durante os anos 2000 pelos corpos dissidentes, como: **(i)** a Boate Friends – uma das primeiras boates da capital inaugurada em 2003 e localizada na Rua Duque de Caxias – a Boate Scorpions e a Boate Elektra, que funcionaram em meados dos anos 2000, em paralelo à Friends; **(ii)** o Bar da API (Associação Paraibana de Imprensa), localizado na Rua Visconde de Pelotas, nas proximidades da Praça Rio Branco, funcionou também em meados dos anos 2000; **(iii)** a Boate Vogue, inaugurada em 2007 e localizada em frente à Praça do Bispo, que se tornou uma das espaços noturnos de lazer mais importante da cidade; **(iv)** a Boate Space Pink Club surgiu no ano de 2011 na Rua Deputado

Odon Bezerra e tinha uma proposta mais alternativa e a Boate Sky Club, que foi inaugurada também no ano de 2011 na Rua Duque de Caxias (OLIVEIRA, 2016).

Além desses estabelecimentos que proporcionavam o encontro dos grupos sociais aqui estudados, outros espaços de lazer protagonizaram encontros mais íntimos. Oliveira (2016) aponta para três cinemas no centro: o Papai Cine Vídeo, Cine Sex América e Cine Aquarius. Os três possuíam frequentadores de diferentes perfis variados, quanto a raças, origens, ocupações, performances e identidade de gênero. O **(i) Papai Cine Vídeo**, inaugurado em meados de 2006, localiza-se na Rua Cardoso Vieira, atrás do Teatro Santa Rosa. Dos três, este foi o maior cinema e possuiu fluxo intenso, chegando até centenas de clientes por dia. O Cine Sex América encontra-se na Praça Pedro Américo, ao Lado do Teatro Santa Rosa. É o mais antigo da cidade, estando em atividade desde 2004. Antes denominado de Cine Sex América, foi vendido e atuamente é chamado **(ii) Cine Phoenix Entretenimentos**. Por último, o **(iii) Cine Aquarius**, que foi fundado em 2008 na Rua Cardoso Vieira, transferiu-se para Avenida Beaurepaire Rohan em 2014. Não só os cinemas, como também as saunas acompanharam os movimentos das atividades de sociabilidade, entretenimento e lazer. Com um público mais específico, a Thermas Parahyba que se localizava na Rua Duque de Caixias protagonizou os encontros eróticos dos homens *gays*. Oliveira (2016) aponta ainda para existência de outra sauna no centro de João Pessoa, próximo ao Lyceu Paraibano: a HS Thermas, mas registra a maior inconsistência do seu funcionamento, passando por transformações no uso e chegando a fechar diversas vezes.

É importante mencionar que esses principais equipamentos – sobretudo os que já se extinguiram – podem apontar para uma tendência de necessidade de locais abertos, livres e públicos para o exercício da identidade, orientação e expressão dos sujeitos que utilizam esses espaços. Isso posto os espaços públicos e privados destacados, protagonizaram o início das sociabilidades na área central de João Pessoa. Atualmente podemos perceber que essa tendência de apropriação e utilização do centro como espaço de liberdade para expressar a identidade de gênero e sexualidade, ainda se encontra latente. Por isso, a seguir, explanaremos os principais espaços públicos apropriados pelos corpos dissidentes em atividade.

18[•]SHCU

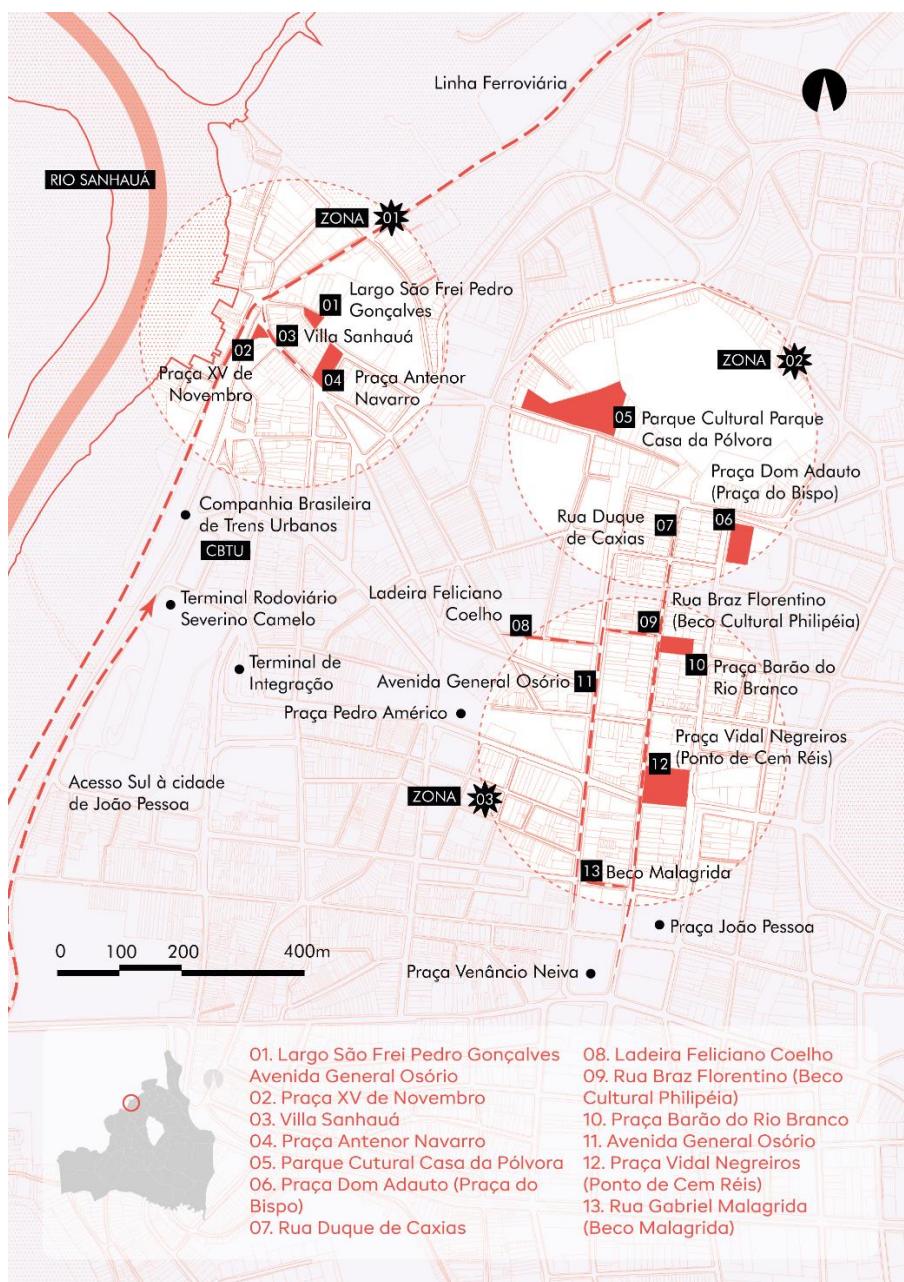
SEMINÁRIO DE
HISTÓRIA DA CIDADE
E DO URBANISMO

HORIZONTES (IM)POSSÍVEIS

NATAL / RN
10-14 NOV. 2024

Os espaços analisados foram delimitados a partir de suas localizações e relações de proximidades em três zonas (Figura 12). O raio de análise das zonas segue o princípio de caminhabilidade de Jan Gehl (2015), considerando a percepção das pessoas, a escala humana e a qualidade do percurso, o limite de distância mais confortável para o pedestre caminhar é de 500 metros.

Figura 12: Mapa com delimitação das três Zonas de análise na área central de João Pessoa.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

4.1 – Zona 1 – Praça Antenor Navarro, Largo São Frei Pedro Gonçalves, Villa Sanhauá e Praça XV de Novembro

As primeiras festas voltadas para os corpos dissidentes sexuais e de gênero surgiram exatamente no mesmo lugar onde nasceu a cidade de João Pessoa, no Porto do Capim. Segundo D’allevedo (2011), na virada da década de 1980 para 1990, a cultura da música eletrônica fez sua estreia no cenário paraibano por meio do Mercado Capim Fashion, um evento idealizado por três amigos, Ricardo Jorge (conhecido como Rick Mala), Romero Sousa e Cristina Evelise que fundaram esse núcleo com o objetivo de criar na cidade uma feira de moda alternativa, inspirada no Mercado Mundo Mix de São Paulo (D’ALLEVEDO, 2011).

O Porto do Capim, o Largo São Frei Pedro Gonçalves (Figura 13) e a Praça Antenor Navarro (Figura 14) foram os espaços públicos onde ocorreram as primeiras apropriações voltadas para os corpos dissidentes sexuais e de gênero na década de 1990. Quando imergimos nos referenciais teóricos e nas entrevistas dos participantes, observamos que se destacam os espaços, sejam eles privados ou semipúblicos, os quais foram fundamentais para construção desse cenário no Largo São Frei Pedro Gonçalves, como: (i) **Intoca** – o qual cedeu lugar para um restaurante e bar, mas também recebia festas, shows e durante outros momentos funcionou como (ii) **Hi-Fi**, (iii) **Casa de Cultura Lúcio Lins** chegando a sediar também os (iv) **Assustados de Ruth Avelino** e atualmente funciona como (v) **Vila do Porto** – espaço que durante o dia é restaurante/bar e durante à noite a casa recebe apresentações culturais como festas, shows e demais manifestações artísticas; (vi) **Galpão 14** – espaço que sediava eventos dos mais variados gêneros, como Hip Hop, Rock, música eletrônica, além de festas privadas e outros eventos culturais. Em outros momentos, abrigou outros empreendimentos como o (vii) **Galpão 17**, (viii) **Candeeiro Encantado** e (ix) **Teatro Sertão**; (x) **IAB.pb** – Instituto de Arquitetos da Paraíba, o qual além de ser um espaço de articulação política, cultural e artística de Arquitetos e Urbanistas, é também um local onde acontece eventos como shows, feiras, apresentações culturais, bailes da cultura *Ballroom*, entre outros.

Partindo para a Praça Antenor Navarro, temos registro do (xi) **Centro Cultural Espaço Mundo** que atualmente funciona como (xii) **Centrô** – é um espaço que funciona como bar, restaurante, boate, recebe shows, eventos culturais, *Balls* (xiii) **Casa de Musicultura**, (xiv)

Brutus 21, (xv) Pogo Pub e (xvi) Mofado Bar foram bares da praça voltados para a música alternativa e do Rock N' Roll; **(xvii) Hera Barbara** – funcionou como boate exclusivamente para o público LGBTQIAPNB+; **(xviii) Atlântida** – espaço que, atualmente, funciona como bar e recebe também outros eventos culturais, além dos Bailes da comunidade *Ballroom*; **(xix) Casarão 39** – funcionou como uma casa de shows e eventos de música do gênero brega, funk e forró.

Figuras 13 e 14: Largo São Frei Pedro Gonçalves e Praça Antenor Navarro.



Fonte: Registrado pelos autores, 2024; Instagram Festival Grito João Pessoa. Acessado em janeiro de 2024.

Na Praça XV de Novembro, está localizada a **(xx) Casa Beira da Linha** aberta recentemente e voltada para os artistas das mais variadas expressões. No espaço, acontece feiras, exposições, festas, *Balls*, shows e outros eventos com o intuito de apoiar, fomentar e compartilhar a cultura local, além de ocupar a praça. Por fim, na Villa Sanhauá (Figuras 15 e 16), podemos encontrar o bar da **(xxi) General Store** – onde acontece os eventos do coletivo Beco Sounds, além de outras atividades culturais como as da Comunidade *Ballroom*; **(xxii) Mofado Bar** – que é um bar predominantemente frequentado por pessoas da cultura Rock'n Roll; além de outros estabelecimentos que contribuem para a construção dessas territorialidades como **(xxiii) Associação Maracatu Pé de Elefante, (xxiv) Alternative Pub, (xxv) Estúdio Galho e (xxvi) Ateliê e Galeria Ery Nunes.**

Figuras 15 e 16: Villa Sanhauá.



Fonte: Registrado pelos autores, 2024.

A Zona 01 foi o lugar onde o movimento cultural da música eletrônica fundou as apropriações *queer* e ainda continua sendo palco onde acontecem essas experiências dissidentes em João Pessoa como a cultura da *Ballroom*. A partir desse contexto, torna-se evidente que essas apropriações em João Pessoa adquiriram e ainda adquirem notoriedade na cidade. Isso ocorre por meio da reunião expressiva dos coletivos que, através dos seus corpos, estão empenhados em produzir cultura da resistência, além das festas e eventos distribuídos ao longo do ano e da abertura de equipamentos de lazer e cultura como bares, casas noturnas, lojas e instituições que servem como possibilidades para a continuidade desse movimento de coligação, de celebração e de troca entre os corpos avessos à heteronormatividade.

4.2 – Zona 2 – Rua Duque de Caxias, Casa da Pólvora e Praça Dom Adauto

Na Zona 02, destacam-se os espaços públicos do Casa da Pólvora (Figuras 17 e 18), Praça Dom Adauto e a Rua Duque de Caxias. No Parque Cultural Casa da Pólvora, é comum encontrarmos ações gratuitas vinculadas a projetos específicos, promovidos pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, que ocorrem de maneira sazonal, como o Anima Centro, Sol Maior, Pólvora Jazz Festival, Circulador Cultural e João Pessoa Vida Saudável, além de outros eventos que ocorrem no mês do orgulho LGBTQIAPNB+, como a Pré Parada LGBTQIAPNB+.

Além dessas atividades, muitas pessoas utilizam o espaço da Casa da Pólvora para contemplar a paisagem da área central ao entardecer do dia. No início dos anos 2000, nas intermediações

do seu anfiteatro no sentido Noroeste, havia um bar popularmente conhecido como “Bar GLS” e “Bar da Pólvora”, onde corpos dissidentes ocupavam para socializar com amigos, prestigiar apresentações, ouvir música e outras atividades culturais.

Figuras 17 e 18: Casa da Pólvora.



Fonte: Registrado pelos autores, 2024.

Na Praça Dom Adauto, a efervescência ocorreu predominantemente nos anos 2000 quando existiam as boates Vogue e Sky. A primeira localizava-se na Avenida Visconde de Pelotas, em frente à Praça Dom Adauto. As pessoas que frequentavam a Vogue, utilizavam a praça como ponto de encontro antes de entrar na boate. Grupos de amigos se concentravam para socializar, conversar, beber, fumar e desfrutar da atmosfera antes de entrar no ambiente fechado da boate, chegando ao ponto da praça se tornar um espaço público de convívio onde as pessoas passaram a frequentar com mais frequência.

O entretenimento gerado pelos atores sociais era estendido para o espaço público, criando uma atmosfera onde as pessoas compartilhavam experiências e interagiam umas com as outras. Além disso, estar em determinados espaços urbanos e edificados servia como uma estratégia para ocultar expressões da orientação sexual, quando algumas pessoas ocupavam lugares abandonados e/ou mais reclusos para práticas afetivas.

O hábito de estar em frente às boates e aos bares (Figuras 19 e 20) era e ainda é uma característica muito comum das apropriações no espaço público. As motivações, inicialmente, estão quase sempre associadas a utilização do espaço privado, e a partir disso, a constante

apropriação é impulsionada, convertendo o próprio espaço público protagonista das motivações para a troca das experiências urbanas.

Figuras 19 e 20: Área externa da Boate Sky.



Fonte: x.com, acessado em 2024.

Além disso, a Praça Dom Adauto recebe outras formas de apropriação durante o carnaval como o tradicional Bloco do Cafuzú que, historicamente, carrega um grande número de foliões para transitar pelas ruas da área central e apropriar outros espaços públicos acompanhados de orquestras de frevo e fantasiados no estilo brega, tradição que já carrega trinta e cinco anos de fundação.

Na Rua Duque de Caxias, a dinâmica se difere dos outros espaços, por se tratar de uma via extensa interligada com vários espaços. No sentido Norte, as formas de utilização se caracterizavam pela presença da boate *Sky*, como mencionado anteriormente. No sentido Sul, a rua faz divisa com a Praça Barão do Rio Branco e Rua Braz Florentino, convertendo este espaço em ponto de interconexão entre os territórios e de grande presença de usuários. A partir desse cenário, outras formas de apropriações começam a surgir como a locação dos ambulantes de bebidas e lanchonetes, impulsionando o capital social dentro da comunidade.

Além dessas formas de apropriação, acontecem eventos de forma sazonal em outros trechos da rua, sempre motivados por alguma atração cultural promovida por coletivos e pelo poder público.

4.3 – Zona 3 – Praça Barão do Rio Branco, Rua Braz Florentino, Avenida General Osório, Praça Vidal Negreiros e Rua Gabriel Malagrida

A Zona 03, território onde mais encontramos a efervescência das apropriações no espaço público atualmente, destacam-se entre eles a Ladeira Feliciano Coelho (Figura 21), Avenida General Osório, Rua Braz Florentino e Praça Barão do Rio Branco (Figura 22). Característica essa que é causada pela sequência e pela proximidade dos espaços, criando uma atmosfera propícia para encontros sociais, interações entre diferentes membros da comunidade, além de estimular as atividades comerciais, culturais e sociais. De acordo com as entrevistas e pesquisa observacional, a apropriação desse trecho em específico foi a mais expressiva pela periodicidade dos eventos culturais que ali aconteceram e acontecem, além da facilidade de deslocamento entre esses espaços.

Importante destacar que foi neste setor urbano que começaram a ressurgir as apropriações nos espaços públicos da área central pelos corpos dissidentes no pós-pandemia, quando o coletivo de música eletrônica Beco Sounds com outros produtores culturais, se reappropriaram da Rua Braz Florentino após a programação do Sabadinho Bom com *sets* de música gratuita oferecidos por diferentes artistas independentes. A partir disso surge o projeto 08centro, da necessidade de fazer renascer a cultura *Clubber* que efervesceu entre os anos 1990 e 2000, com outro formato.

Figuras 21 e 22: Ladeira Feliciano Coelho e Praça Barão do Rio Branco.



Fonte: Registrado pelos autores, 2024.

Outros projetos de festas como Rolêatório, Sextabásica, VDCsessions surgiram a partir desse cenário, acontecendo de forma itinerante em eventos privados e públicos, reunindo corpos em frente aos casarões da Avenida General Osório (Figura 23), como a General Store e Caravela Cultural, da Rua Braz Florentino (Figura 24) com a Cachaçaria Philipéia e da Praça Barão do Rio Branco com o prédio conhecido como “Mostardão”. A constância desses eventos contribuiu para a criação de um público que frequenta esses espaços de maneira assídua, muitas vezes em horários do cotidiano, criando uma relação de proximidade com as atividades e os atores sociais que ali residem e transitam.

Figuras 23 e 24: Calçada da General Store, localizada na Avenida General Osório e Rua Braz Florentino.



Fonte: Registrado pelos autores, 2024.

Quanto a Praça Vidal Negreiros, a predominância das formas de apropriações se dá a partir de eventos como shows e blocos de carnaval promovidos pelo poder público ou organizados por coletivos culturais. A praça também é um ponto de referência para protestos e marchas na luta pelos direitos dos sujeitos que dela se apropriam. Como exemplo temos a Ocupação João Pedro Teixeira no antigo edifício das Nações Unidas, abandonado pela Prefeitura de João Pessoa.

Importante destacar também que, para além das diversas formas de apropriações aqui discutidas, existem outras formas de ocupar e reivindicar o Direito à Cidade, como a luta pela moradia. A cultura da *Ballroom* ao se inserir nesses espaços, abre um caminho de possibilidades para que as discussões sobre gênero e sexualidade sejam abordadas nas mais variadas vertentes, como foi o caso das pessoas que moram na ocupação. Segundo o

entrevistado 21, o movimento da *Ballroom* é uma cultura que está ocupando todos os espaços, na própria ocupação ou nas calçadas apropriadas pelo coletivo 08centro, nos casarões da área central, além das diversas formas de atuação.

Por fim, o ultimo espaço da Zona 03, temos a Rua Gabriel Malagrida. Ao longo da via, existem poucas residências, uma delas abriga a sede do bloco carnavalesco Anjo Azul, fundado em 1994 por Ednamay Cirilo. O bloco deu origem à Associação Cultural e Recreativa Anjo Azul, responsável por promover diversas atividades culturais no beco, destacando-se a "Lavagem da Escadaria", uma cerimônia simbólica realizada anualmente em colaboração com alguns terreiros de umbanda da cidade, além das apropriações durante as prévias carnavalescas.

Entendemos que nesses espaços das Zonas 1, 2 e 3, a territorialidade *queer* é construída a partir da interação entre o local e as manifestações que nele se realizam e além disso, criticam as divisões de sexualidade, de gênero, de classe e de raça presentes nos espaços heteronormativos e permite a convivência entre diversas identidades, reivindicando o território e construindo suas territorialidades no interior das cidades.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em João Pessoa, tal como em outras cidades, nos deparamos com uma realidade urbana contemporânea caracterizada pela (re)produção de valores e de um estilo de vida cada vez mais voltados para o individualismo, dependentes de carros, grandes empreendimentos e dominados pela especulação imobiliária. Esse contexto capitalista nos evidencia a perda da escala humana no momento em que o Estado nega a função do espaço público como um lugar de encontros e interações entre os sujeitos. Todavia, ainda é possível encontrar indivíduos que resistem a esses processos e imposições , se apropriando dos espaços e utilizando-os de maneira diferente.

Neste artigo realçamos algumas reflexões dos estudos sobre um setor urbano da cidade de João Pessoa, o centro da cidade, que passou por várias transformações ao longo das últimas décadas, especialmente nos padrões e formas de uso e ocupação do espaço nas suas dimensões pública e privada. Houve uma significativa diminuição dos usos residenciais,

transformando o centro em um dos setores comerciais e de serviços mais relevantes da cidade e o configurando em um lugar rico em experiências diversas, onde encontramos pessoas envolvidas com diversas atividades. Apesar das mudanças na dinâmica urbana do lugar é notável a presença de corpos dissidentes sexuais e de gênero que o utilizam para lazer, moradia, circulação e trabalho, desempenhando um papel crucial na sua legitimação como um espaço carregado de cultura, memória e afetos.

Desde o início da pesquisa, foi pressuposto que os corpos dissidentes sexuais e de gênero resistem ao paradigma capitalista da produção da cidade e se manifestam como formas de resistência ao apropriarem-se do espaço público. Os estudos conduzidos levaram à conclusão de que os treze espaços analisados desempenham um papel crucial na qualificação e potencialização dos espaços públicos de João Pessoa, através da criação e redefinição de lugares onde a presença do poder público é limitada e onde a arte e a cultura são expressas por meio de iniciativas promovidas pelos próprios atores da produção cultural, frequentemente com recursos escassos.

O encontro desses corpos dissidentes sexuais e de gênero nos territórios nos mostra como a categoria "fervo" pode ser compreendida como uma "ferramenta queer" que subverte a lógica dos espaços na cidade contemporânea. Através dos relatos dos participantes, das suas apropriações e das territorialidades por eles estabelecidas, comprehende-se que essa prática de aliança e aparição no espaço público – como também no espaço privado – é tanto emancipatória quanto insurgente, pois questiona a normatividade na produção dos espaços urbanos e torna visíveis elementos culturais produzidos pelos corpos minorizados, que muitas vezes contrastam com as concepções dominantes de "arte e cultura" na sociedade contemporânea.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, A. F. A. **A reprodução do espaço urbano como momento da acumulação capitalista.** Em: Carlos, A. F. A. (orgs.). Crise Urbana. São Paulo: Contexto, 2015.

CAPEL, H. **La Morfología de las Ciudades.** 2013.

CORRÊA, R. L. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: Carlos, Ana Fani Alessandrini; Souza, Marcelo Lopes de; Sposito, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo: Editora Contexto. 2011.

COTTRILL, J. **Queering Architecture: Possibilities of Space(s).** TESE, Miami University, 2006.

D'ALLEVEDO, P. T. F. **O circuito-cena e.music de João Pessoa: dinâmicas locais de uma cultura jovem global.** 2011. 245 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

GARCIA, M. F. **O gênero como perspectiva de análise na discussão sobre as localizações.** PEGADA - A Revista Da Geografia Do Trabalho. 2011.

GEHL, J. **Cidade para pessoas.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

HAESBAERT, R; LIMONAD, E. **O território em tempos de globalização.** Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas. Rio Grande do Sul. 2007. Nº 2 (4), vol. 1.

KERN, L. **Cidade Feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

OLIVEIRA, T. de L. **Engenharia Erótica, Arquitetura dos Prazeres: cartografias da pegação em João Pessoa, Paraíba.** 2016. 179 f. Dissertação de Mestrado - Curso de Antropologia, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/Rio Tinto, 2016.

RAFFESTIN, C. (1993). **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática. Saquet, M. A. (2007). Abordagens e concepções sobre território.

SANTOS, M. O retorno do território. Em: **OSA: Observatório Social de América Latina.** Ano 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005. ISSN 1515-3282.

SANTOS, A. C. C. dos. **A geografia do agito: emergência e morte de bares e boates na cidade de João Pessoa.** 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SENNET, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SOBARZO, O. **A produção do espaço público: da dominação à apropriação.** Revista GEOUSP, São Paulo, n. 19, p.93-111, maio 2006.



SOUZA, L. C. de. **João Pessoa a Noite: um estudo sobre a vida noturna e sociabilidade, 1920 – 1980.** Universidade Federal da Paraíba. Trabalho de Conclusão de Curso. 2005.